

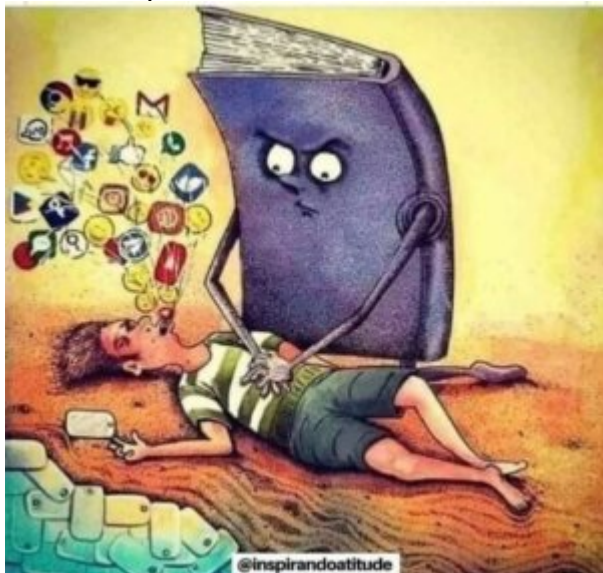
E já tem empresa que anuncia a venda de petição feita por ChatGPT

1. Nem o ChatGPT as pessoas conseguem usar: já estão vendendo o “como fazer”

A “pós-modernidade” é incrível. Pois não é que um sujeito anuncia, no Instagram (esse lugar da felicidade e da prosperidade!) [\[1\]](#) um truque: baixe um livro qualquer e o ChatGPT o resume. Por que ler? **Leia só o resumo.**

E o anunciante se vangloria de não precisar ler? O mundo já acabou?

E como diz a mocinha vestida de azul fazendo publicidade, no mesmo Insta: a empresa tal é a única que lhe remete petições feitas automaticamente. Pelo ChatGPT. **Terceirizaram a preguiça.** Agora já tem para vender. Ou seja, nem o ChatGPT as pessoas conseguem usar por conta mais. Nem o ChatGPT...! Onde foi que erramos?



2. E você vai virar o rei do conhecimento... basta ler o *Código da Persuasão*

Outro influencer mostra como você pode ficar “perigoso”. Indica 4 livros. Você vai virar o rei do conhecimento, diz o coach. Céus: o rei do conhecimento! Ele diz isso. Um livro que ele indica é o *Código da Persuasão*. Em 45 minutos você convence alguém a comprar coisas de você. O *Código* é “absurdo”, diz. Um MBA neuromarketing (sic). Tem também o livro *Palavras Mágicas*. Você o lê e aprende quais palavras convencem as pessoas.

O que houve com a humanidade? Isso é a sério? E o sujeito indica. A sério. Sem ficar ruborizado.

Na área jurídica, vi na “rede da felicidade” um advogado ensinando como usar o ChatGPT. Diz que precisa de um avatar. Fenomenal. O ChatGPT, que é um estelionatário, é municiado para fazer plágio.

E tem outro advogado que se vangloria do fato de que seu escritório (ele parece vender sua expertise nas redes, não entendi bem) usa o ChatGPT para fazer as petições.

3. A SFI: Síndrome da Fadiga de Informações

Talvez estejamos sofrendo de SFI – Síndrome da Fadiga de Informações. Em 1996 David Lewis cunhou o conceito de SFI – Síndrome da Fadiga de Informações. É o que vivemos hoje. Só não sabemos até quando aguentaremos esse “novo” modo de anticomunicação.

Spacca

A equação é: se tanta gente possui acesso amplo a todo tipo de informação, por qual razão aumenta o número de ignorantes e alienados? A resposta está na SFI. E em T.S. Eliot: **informação não é conhecimento**; conhecimento não é saber; e saber não é sabedoria. O que temos por aí é tão somente um monte de informações. Nada mais do que isso.

Nosso desafio: evitar a fadiga de informações e, como falei na [coluna passada](#), desabituar desse mundo de ficções, transformando informação em conhecimento. E quiçá, em saber e sabedoria. Com certeza, isso que está aí, esse mundo da esperteza e das trucagens, longe está de ser conhecimento. Mas muito longe.



Resta o conhecimento popular: **quem sabe, sabe; quem não sabe, ensina**. Inclusive a usar o ChatGPT. Ou vende livros que deixam o leitor “perigoso” – rei do conhecimento!

Mundo, mundo, vasto mundo...

Post scriptum: se não pode vencê-los, junte-se a eles?



Não quero a volta do lápis e nem do ábaco. Porém, preocupa-me o exagero e a corrida ao “novo ouro” – a IA. Poucos dias atrás, ocorreu o 1º Congresso de IA no Direito em uma seccional da Ordem dos Advogados (cf. [aqui](#)) e não há dúvida de que o evento chama atenção. Afinal, nada envelhece mais rápido do que a novidade num tempo que a tecnologia nasce pronta para subsistir e ser substituída por algo ainda mais novo.

Seja como for, esse movimento em direção à adoção acelerada de inteligência artificial no setor jurídico merece uma análise um pouco mais cuidadosa. Com a participação de especialistas, eventos como esse costumam adotar **um otimismo que pode desconsiderar algumas das profundas implicações éticas, práticas e humanísticas inerentes à algocracia da profissão jurídica.**

Considerado que cito esse evento apenas como um **mero exemplo** para ilustrar o meu ponto, acrescento que o profissional do direito não deve(ria) se tornar um instrumento do seu próprio instrumento. Não afirmo que alguém admita ou pregue isso. **Mas se corre esse risco.** Basta uma passada d’olhos nas redes sociais...! Mas, o que quero dizer com isso? Quero dizer que depender de *prompts* [\[2\]](#) e quejandos **nada mais é do que adotar um criterialismo ainda mais artificial.** Dito de outro modo: corremos o risco de normalizarmos comandos que tendem a instaurar um fator limitador da nossa própria compreensão sobre um determinado caso concreto.

Com efeito, a crescente utilização de *prompts* na elaboração de petições e outros documentos legais **ilustra um autêntico dilema contemporâneo.** Essa prática, embora represente um aparente avanço tecnológico, destaca a tensão entre a inovação e a preservação da essência interpretativa da advocacia. O que fazer com a doutrina? **Robôs são plagiadores? Chomsky assegura que sim.** Eu também. O ChatGPT pega tudo que recebe e devolve sem citar fonte. Não existe o “fator água mineral” para o ChatGPT. Daí a pergunta: a advocacia concorda com isso?

O recurso excessivo a tais ferramentas ameaça reduzir o exercício da advocacia a uma operação **mecanizada de processamento de informações**, desprovida da reflexão crítica e da compreensão humana que são vitais para o Direito.

Depois nos queixamos dos tribunais, que fulminam nossos recursos com robôs, transformados em *snipers anti-hermenêuticos*.

Numa palavra, é imperativo reconhecer que a essência da advocacia transcende a mera utilização de instrumentos tecnológicos, por mais avançados que sejam. Aliás, é essa a essência do direito.

O advogado, ao se tornar refém das ferramentas que deveriam auxiliá-lo, corre o risco de ser desumanizado pelo próprio mecanismo que visa a servir sua prática.

Alguém dirá: você é um jurássico. Pode ser. Mas continuo pensando que uma boa doutrina é indispensável. Não se faz direito coletando acórdãos e deixando o robô fazer o nosso trabalho. Ou fazer legal design. Ou visual law – o ChatGPT parece ser bom nisso. Porém, nisso reside o paradoxo: se der certo, dará errado. Ou já deu?

Se um robô faz melhor do que o advogado, é porque, paradoxalmente, fracassamos. Se um robô desenha

melhor que um designer, houve nisso um fracasso. Se ChatGPT faz melhor que advogado, não tem algo de errado nisso? Se o ChatGPT faz textos plagiados, não há algo de errado aí?

Cartas (sic) para a redação. Que não sejam escritas por robôs.

[1]



[2] Nota explicativa: nos termos da própria IA, são instruções iniciais fornecidos a um sistema de Inteligência Artificial, especialmente aos modelos de processamento de linguagem natural, como o ChatGPT. Eles são projetados para desencadear uma resposta específica ou para guiar a IA na geração de conteúdo, análises ou soluções baseadas no texto inserido.

Meta Fields